

## O particular dentro do público: relatos da experiência etnográfica no parque ecológico do Cocó/ce

Gleison Maia Lopes

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1103>

DOI: 10.4000/pontourbe.1103

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Edição impressa**

Data de publicação: 1 dezembro 2012

**Refêrencia eletrónica**

Gleison Maia Lopes, « O particular dentro do público: relatos da experiência etnográfica no parque ecológico do Cocó/ce », *Ponto Urbe* [Online], 11 | 2012, posto online no dia 01 dezembro 2012, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1103>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# O particular dentro do público: relatos da experiência etnográfica no parque ecológico do Cocó/ce

Gleison Maia Lopes

---

O primeiro passo na tradução da experiência, seja a de escritos de outros homens, ou de nossa própria vida, na esfera intelectual, é dar-lhe forma. Dar, simplesmente, nome a uma experiência nos convida a explicá-la. (MILLS, 1970. P.215)

- 1 Far-se-á nas páginas seguintes uma breve análise e reflexão acerca da experiência etnográfica e da sua relação com as escolhas teóricas da pesquisa que se apresenta.
- 2 A pesquisa que se coloca tem como objetivo analisar parte dos usos sociais do espaço público na cidade contemporânea, especialmente no Parque Ecológico do Cocó, na cidade de Fortaleza/CE. Objetivamente àqueles usos que não estão inseridos no planejamento urbano e normativo das cidades, ou seja, usos “alheios e periféricos” ao regimento do espaço urbano desses locais.
- 3 Fui a campo tentando perceber como esses usos e significações do espaço se estabelecem como fatores de criação de um sentimento de pertença e de um ideário de coletividade em cada grupo. A seguir um relato de meus momentos de contato com a realidade pesquisada, das dificuldades e metodologias de pesquisa, ressaltando as experiências da pesquisa e sob que marco teórico me apoiei para tais análises.
- 4 Percebendo que o espaço público historicamente vem se transformando em sua forma e função social, mudança essa que se relaciona com as variadas conjunturas e percepções da sociedade, que reelaboram novas formas de entendimento da realidade social.
- 5 Pensar o espaço público na cidade contemporânea é analisá-lo em uma problemática que envolve mais que apenas apropriação espacial, objetiva ou física desse espaço, é pensá-lo como interação entre homem e natureza, como, uma prática social no sentido mencionado por Furtado (2008). Apreende-se, desse modo, as mais variadas relações

sociais e históricas conectadas a esse objeto, sem considerá-lo fragmentado ou deslocado da realidade. Considerando-se, assim, o espaço público como conectado a uma lógica histórica onde este influencia e é influenciado pelas condições sociais objetivas de cada período histórico da humanidade.

- 6 O espaço público passa a ser percebido como um produto das relações sociais e um possibilitador de novas interações, de acordo com o ideário de vida moderna, formalizando convívios que o estilo de vida capitalista adotou como legítimo. Desse modo, compreende-se o espaço público inserido na problemática da cidade no sentido da abordagem colocada por Sobarzo (2006) onde se concebe a cidade como produto e condicionante da reprodução da sociedade capitalista que, essencialmente, é desigual.
- 7 O primeiro contato com o objeto de estudo foi uma experiência riquíssima que mostrou como a realidade é surpreendente e não deve ser diminuída em sua complexidade.
- 8 Teve-se como grupo empírico de pesquisa: lavadeiras e pescadores, pois considera-se que estes sejam os grupos sociais capazes de demonstrar o contraste entre os usos pensados e planejados para aquele espaço e os usos populares e cotidianos que são anteriores a essa normatização e padronização dos usos desse espaço.
- 9 No momento da primeira pesquisa de campo na região cheguei ao local à tarde e me deparei com uma realidade totalmente contrária à que eu esperava encontrar. Uma realidade onde os indivíduos sujeitos da pesquisa perdem seu anonimato e sua passividade de “sujeitos pesquisados” e passam a ser “pesquisadores” também, tendo como alvo de pesquisa e inquietações o invasor de seu território, o pretenso pesquisador: eu.
- 10 Percorrendo o caminho inicial da trilha do Parque, como todo marinheiro que se adentra em um caminho, até então desconhecido, me deparei com um mundo novo que aos meus olhos se apresentava como extremamente complexo e cheio de teias de significados que eu queria e deveria tentar entendê-las e desvendá-las.
- 11 Aprendi que a dúvida e o estranhamento não são características únicas do pesquisador acadêmico, daquele que sai da universidade para “descobrir” uma realidade. Percebi que um movimento recursivo coloca o pesquisador e os sujeitos de sua pesquisa em contato direto.
- 12 No caso da pesquisa com os pescadores, várias estratégias foram adotadas pelos sujeitos para “mostrar meu lugar”: respostas rápidas (sim e não, principalmente); um olhar focado no horizonte, mostrando-se alheio a tentativa de estabelecer uma conversa; e pequenas chacotas que tinham como objetivo colocar-me como “iniciante” e “pricipiante” diante daquele mundo que se mostrava cada de vez mais complexo diante de mim. Esse contexto pode ser explicado devido a proibição da pesca predatória no Parque do Cocó desde sua criação em 1989.
- 13 Esse primeiro contato se demonstrou difícil e, naquele instante, até inoportuno, devido a não aceitação dos entrevistados. Isso revela uma forma de proteção (descoberta realizada após algumas tentativas frustradas de aproximação).
- 14 Decidi, então, não mais “importunar” os alvos de minhas inquietações naquele momento, pois a insistência poderia causar uma determinada “repulsa” em relação à mim, o que dificultaria um posterior contato e realização da pesquisa.

- 15 Weber e Beaud (2007) me foram elementares na compreensão desses impasses quando de sua compreensão acerca da prática de pesquisa e do movimento entre teoria e prática:
- O pesquisador não pára de experimentar diferentes caminhos que se revelam ser, por vezes, impasses ou atalhos. É só após longos desvios que ele toma pé de novo. Um curso ou um guia sobre a pesquisa não pode substituir a prática. Nada pode substituir as tentativas e os erros pessoais, o encontro direto das dificuldades, a “dúvida”, a experiência da “solidão do campo”. (WEBER e BEAUD, 2007. P. 12)
- 16 As inquietações da pesquisa me deixaram, cada vez mais, curioso em entender como se dava aquele mundo que, aos meus olhos, se mostrava cheio de mistérios. Várias dúvidas e questionamentos passavam em minha cabeça, questionamentos que iam desde o motivo destas frustradas idas a campo à perguntas que se mostravam necessárias ao andamento da pesquisa, perguntas que só poderiam ser solucionadas após a quebra da barreira que a mim foi imposta no trabalho de campo. As dificuldades impediam, naquele momento, uma análise etnográfica dos usos daquela região, o que comprometia os rumos da pesquisa.
- 17 Nessa reflexão, Geertz (1989) me foi muito esclarecedor, pois não adiantava que eu estivesse ali tentando me inserir no grupo pesquisado, pois eu não seria um deles, nem seria reconhecido como igual por eles. Apesar desse reconhecimento não ter sido o objetivo desta pesquisa, o fato de eu ter percebido essa noção de grupo, enraizada nesses indivíduos, me fez enxergar os laços de proximidade existentes nessa comunidade, laços que terminavam por criar processos identitários no grupo.
- 18 Em posteriores idas a campo o contato foi se mostrando mais ameno devido as estratégias que tentamos adotar, estratégias de não imposição de minha presença ao grupo, de abertura de outras frentes na pesquisa, tentando conhecer e estabelecer uma relação inicial com outros grupos objetos da pesquisa, para possibilitar, a partir dos dados coletados, estabelecer uma aproximação mais facilitada com o grupo que se mostrou mais recluso.
- 19 Na pesquisa com o grupo empírico das lavadeiras a pesquisa se revelou mais amena e pôde fluir de maneira menos conflituosa. Quando cheguei na comunidade fiquei impressionado com o contexto em que me deparei: eram três horas da tarde e vários grupos estavam na calçada conversando sobre como havia sido seu dia, os meninos jogavam futebol nas vielas da comunidade, pessoas almoçavam em frente a suas casas, enquanto outras realizavam tarefas rotineiras, como cuidar do parente mais novo ou costurar roupas. Em contraposição, na rua ao lado, que dava acesso à comunidade, vários carros passavam por aquele lugar (não-lugar para esses motoristas) em uma rotina de trabalho bastante turbulenta, tendo em vista a velocidade desses carros, ao mesmo tempo em que alunos do Colégio Ari de Sá (de uma escola nobre da cidade de Fortaleza) saiam do colégio e esperavam seus pais, “escortados” por seguranças da escola posicionados em cada vértice do quarteirão onde estava localizada a escola.
- 20 Essa contraposição parece revelar um esquema caótico da cidade, mas que desvenda a essência urbana, como a junção de particularidades, reveladas em um complexo esquema de conexões de sentidos e significados. Assim a cidade se mostra complexa em suas estruturas política, econômica, social e histórica. Silva (2001) trabalha essa cidade como a fusão onde aflora-se a urbanidade desse espaço, onde a cultura, como costura, se liga, mescla-se em torno de hábitos, percepções e histórias.

- 21 Em função da comunidade ficar distante da lavanderia existente no Parque, o que dificulta a lavagem das roupas, foi construída uma rede de sociabilidade básica facilitando esse trajeto.
- 22 Em entrevista a uma lavadeira, foi indagado como ela caminha, com tantas roupas, a distância de sua casa ao parque do Cocó? A resposta demonstrou como se configuram essa jornada: “A gente sempre pede pra alguém levar, um menino desses, um vizinho, alguém que possa, depois a gente dá um trocado e ele leva pra gente no carrinho de mão que a gente dá”.
- 23 Tentando contrapor as formas populares de uso do espaço do Parque às formas de uso planejadas, para aquele espaço, pela economia, formalmente ordenadora do espaço, percebe-se as possíveis disparidades entre planejamento estatal e apropriação social. Então, haveria uma construção de uma legitimidade na apropriação de determinados espaços por distintos grupos sociais, como mecanismos de padronização e hierarquização dos usos no espaço urbano.
- 24 O Parque do Cocó tem seus usos normatizados e homogeneizados, terminando em não contemplar a diversidade dos usos estabelecidos por seus usuários, disciplinamento baseado em uma concepção tecnicista do espaço público
- 25 Entretanto, esse processo não acontece sem lutas e resistências, pois os indivíduos que não estão inseridos diretamente nesse processo de construção de uma legitimidade de apropriação do espaço se “rebelam” e constroem sua realidade social a partir de suas visões de mundo. É nesse contexto que se cria uma conflitualidade na apropriação dos espaços sociais no Parque.
- 26 Os usos que não são vistos como legais, foram estabelecidos pelas de memórias coletivas e percepções comuns, criando um ideário de grupo que reforça esses usos, fortalecendo essas apropriações que, desse modo, seguem uma esteira de vivência plena no dia-a-dia da localidade.
- 27 O Parque do Cocó traz consigo ferramentas de entendimento da relação entre público e privado na sociedade fortalezense. Pescadores e moradores do parque estabelecem uma relação com o espaço público da cidade que distorce e cria significados diferenciados daqueles imaginados pelo pensamento tecnicista que criou e imaginou os usos daquela região.
- 28 O espaço público, desse modo, passa a ser visto como campo de atuação e de individualização oriundo dos sujeitos que não percebem como legítimos as ações estatais e atuam nesse espaço de maneira independente, (re) privatizando, em última instância, os usos desse espaço.
- 29 A pesquisa se ora quis se apresentar encontra-se em desenvolvimento e tenta-se, por meio do respectivo trabalho, partilhar das experiências em campo para, a partir da troca de dados e experiências, construirmos com mais solidez e objetividade este ramo da pesquisa científica.

---

## BIBLIOGRAFIA

BEAUD, Stéphane. WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**. Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis. Editora Vozes, 2007.

FURTADO, Emanuel António Rodrigues. **O papel do espaço público na estruturação do tecido urbano**. Cabo verde: Campus Universitário Cidade da Praia, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.

GONÇALVES, Antonio Custódio. **Questões de antropologia social e cultural**. Porto. Edições Afrontamento, 1997.

MILLS, C. Wright. **Imaginação Sociológica**. RJ: Zahar, 1969.

SOBARZO, Oscar. **A Produção do espaço público: da dominação à apropriação**. São Paulo: GEOUSP. 2006

## AUTOR

**GLEISON MAIA LOPES**

Mestrando em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - UFC